

MEMÓRIA COLETIVA E METAMORFOSES DA SEDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP

Pontes, J. W. R.¹, Neder, M.A.V.,² Guimarães, A. C. M.³

^{1 a 3} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, IP&D - Planejamento Urbano e Regional
Av. Shishima Hifumi nº 2911 Urbanova, CEP: 12244-000 São José dos Campos/SP
pontes.sjc@gmail.com; marcovillarta@yahoo.com.br; guimaraes@univap.br;

Resumo- O presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos no plano simbólico, decorrentes da mudança ocorrida da localização da sede da Câmara Municipal de São José dos Campos, no Estado de São Paulo. Metodologicamente faz uso da Análise de Discurso (AD) e está fundamentado nas contribuições teóricas de Orlandi e Pêcheux, como também, dos autores Halbwachs e Foucault, acerca dos conceitos de Memória Coletiva e Formação Discursiva. A investigação busca analisar a fala de dois atores sociais e políticos do município, entrevistados neste trabalho, acerca desta mudança. Destaca-se a necessidade de se pensar as transformações do espaço urbano, tendo como uma das variáveis a “Memória Coletiva” nos modos de significar e viver a cidade e incluí-la no processo decisório dos administradores públicos, quando da utilização das ferramentas do Planejamento Urbano e Regional.

Palavras-chave: Memória Coletiva, Câmara Municipal, Análise Discursiva, Planejamento Urbano.

Área do Conhecimento: Planejamento Urbano

Introdução

A Câmara Municipal de São José dos Campos/SP, segundo registros históricos foi fundada em 28 de julho de 1767. Consta que a mesma funcionou em diversas localidades do município, inclusive fazendo parte, por muito tempo, de um complexo urbanístico central, constituído pela Câmara, Cadeia Pública e Prefeitura.

Na área em que se situava no período de 1969 a 2002, era parte integrante do centro comercial, educacional e religioso da cidade, como também estava inserida no fluxo natural de pedestres ao terminal rodoviário urbano.

Neste trabalho focalizam-se os aspectos políticos da produção do espaço público, tendo como referencial empírico a mudança da sede da Câmara, anteriormente localizada no centro histórico, à Rua XV de Novembro, nº. 29, e que a partir de 2002 passou a fixar-se à Rua Desembargador Francisco Murilo Pinto, nº. 33, próximo ao Paço Municipal, em área de via expressa, fora do centro histórico.

Para investigar as implicações no plano simbólico que esta mudança trouxe, foram realizadas duas entrevistas, com atores sócio-políticos da cidade. E a partir disso, foi efetuada a Análise dos Discursos de linha francesa (AD) se apoiando numa revisão de literatura com alguns dos principais teóricos sobre o tema, buscando compreender os processos por meio dos quais se constituem e se legitimam os marcos, lugares e cenários da memória social.

Destarte, buscou-se desenvolver uma reflexão em torno da importância da paisagem edificada para a formação das práticas sociais; do espaço público como lugar político e formação da cidadania, no contexto do Planejamento Urbano. Valendo lembrar Lefèbvre (1974), quando afirma que o espaço geográfico é um constructo social, que num jogo de mútua determinação, o espaço sendo ele mesmo “efeito de ações passadas, permite ações, as sugere ou as proíbe”.

Metodologia

O trabalho se apóia em parte na teoria existente relativa à Análise de Discurso de linha Francesa (AD), com os conceitos de Memória Coletiva e Formação Discursiva. Apóia-se também, em parte, em um extenso volume de conteúdo lingüístico e discursivo de dois entrevistados. O Entrevistado 1 é um dirigente administrativo da Câmara e porta voz atual da instituição, sendo escolhido porque acompanhou a deliberação em conjunto com os demais dirigentes, sobre a mudança da sede, na época em que ocorreu. O Entrevistado 2 foi dirigente do maior Sindicato de Trabalhadores da categoria dos Metalúrgicos na região. Esteve e está como ativista político, liderando grande parte das manifestações sindicais e populares no município.

Revisão da Literatura

Preliminarmente, aponta-se alguns dos conceitos relativos à memória que se considera fundamental para o trabalho aqui proposto. O

conceito de memória e a maneira como ela funciona, vem sendo há séculos, tema dos estudos de filósofos e de cientistas.

Para os romanos, a memória estava intimamente ligada à arte retórica, destinada a convencer e emocionar os ouvintes por meio do uso da linguagem.

Muitas mudanças importantes para a memória individual e coletiva vieram com a imprensa, com a urbanização, com as mudanças na organização e nas relações sociais, com as percepções dos indivíduos e seus papéis. Assistiu-se, assim a uma maior sofisticação no processo de disseminação de textos e imagens, tais como o uso do computador e de uma alta complexidade de sistemas informatizados.

Contemporaneamente, tem-se nos estudos das ciências físicas, biológicas e humanas, uma produção de pesquisa envolvendo as variáveis de retenção, esquecimento e seleção, dentre outras. Pesquisa-se o presente com base na regressão das ocorrências do passado. Em contraposição a essa idéia, foram considerados os estudos empreendidos por Halbwachs (1990) para elucidar os quadros sociais que compreendem a memória. Entende-se que a memória aparentemente mais individual, particular, remete a um grupo. Os indivíduos trazem consigo a lembrança, no entanto, interagem com a sociedade, seus grupos e entidades. No limiar destas interações e relações, produzem-se as lembranças. Assim, há um encadeamento que sofre forte influência das memórias daqueles com quem se convive. As lembranças que se têm nutrem-se da diversidade de memórias oferecidas pelo grupo, que Halbwachs (1990A) denomina 'comunidade afetiva'.

Faz-se importante a partir de Halbwachs (1990B) falar de memória coletiva, aquela construída a partir da identificação com um determinado grupo e compartilhamento com as suas memórias e seus símbolos. Entende-se também que este processo sofre mutações à medida que se estabelecem novas relações interpessoais com grupos distintos. Ao se relacionar com outros indivíduos e grupos, os indivíduos têm na linguagem e na intercomunicação um dos processos de aprendizagem e de assimilação das idéias e das percepções sobre o mundo.

É fundamental, entretanto, considerar que, quase sempre, neste processo de troca, existe um componente de luta pelo poder, pela ascendência de uma idéia por outra, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, de grupos e de classes.

Pode-se, assim, agir, ainda que inconscientemente, de lembrar determinadas coisas e esquecer outras, como forma de exercer o controle sobre um indivíduo ou sobre um grupo.

É importante se destacar que memórias individuais e coletivas sobrevivem numa constante luta pela co-existência, buscando se constituírem como memória histórica.

O conceito de Formação Discursiva é relevante à Análise do Discurso de linha francesa (AD), porque através dele se procura estabelecer a articulação entre o discurso e a ideologia, compreendendo a produção de sentidos. As Formações Discursivas são regiões diferentes que recortam o interdiscurso e que refletem posições ideológicas, o modo como as posições de sujeitos e os seus lugares sociais aí são representados, ao passo que o interdiscurso (o dizível) se divide em diversas regiões ou Formações Discursivas que chegam desigualmente a diferentes locutores (ORLANDI, 1996). Ainda sobre a Formação Discursiva, Foucault (1972) procura explicar que as condições de surgimento de um objeto de discurso são históricas: que não se pode falar qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer época. E como os sujeitos enunciam de uma Formação Discursiva ou de outra, o sentido de suas palavras dependerá da posição de onde falam. Com base nessa relação da linguagem com a exterioridade, para a Análise do Discurso, "tomar a palavra" é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, entre outras.

Para Gregolin (2001), "o interdiscurso está em um eixo do dizer que provém do cruzamento dos discursos produzidos e esquecidos e dos discursos formulados, atualizados".

Num outro plano, segundo Santos (1991) o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas.

Como sugere Penna (2002), na produção do espaço urbano está colocado implicitamente um caráter político, com pretensões bem definidas pelos agentes detentores de poder: "O ambiente, construído e natural da cidade é um espaço que possui uma ocupação política intencional, tanto pelo Estado, quanto pela sociedade, o que faz com que o espaço seja produzido, valorizado o seu uso. Mesmo os espaços ditos "vazios" estão cheio de intencionalidades de usos, subordinados aos interesses de valor, os valores de uso são criados de acordo com as possibilidades do mundo da mercadoria e são, ao mesmo tempo, valores de troca, que estão na base do processo de fragmentação do Espaço"

Por outro lado, na concepção de (CERTEAU, 1994, p.189), "Estamos ligados a este lugar pelas lembranças...", assim o que determina a existência do lugar, são as suas histórias contadas e freqüentadas pelas pessoas, como também, pelos espíritos muitas vezes silenciosos. Esses lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, mas

que se encontram à espera de sua validação no espaço e no tempo pelos sujeitos sociais.

Resultados e Discussão

A memória está relacionada intimamente com os lugares e com as relações de produção, ou seja, com aquilo que é vivenciado e realizado em cada lugar. Neste aspecto, os depoimentos dos dois entrevistados como visto a seguir, trazem na essência estas características. E não é por acaso que os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças engendradas nesses lugares repercutem mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Segundo o Entrevistado 1, o prédio da antiga Câmara Municipal, traz a lembrança de ter sido um grande palco de mobilizações pelas “Diretas Já”, em 1984. Assim, ele se expressou:

“... que tudo, todos e qualquer envolvimento político que existia na cidade, acontecia em frente à Câmara Municipal [] E quando as “Diretas Já” veio para São José dos Campos, com Fernando Henrique, com o LULA e com o Ulisses e eles vinham muito na Câmara Municipal”.

Para o Entrevistado 2, as suas lembranças estão ligadas tanto com as atividades das lutas sindicais, das campanhas políticas pela redemocratização do país, como também, pelas manifestações culturais, como pode ser visto neste trecho:

“A antiga Câmara Municipal era e sempre foi um palco aonde se fazia as manifestações políticas, [] E a gente se lembra de grandes movimentos que houve nessa Câmara. Um deles foi a luta contra a Ditadura Militar. E depois várias manifestações, dentre elas: as “Diretas Já”, depois na queda do Collor, [] Ali foi o local aonde se fazia os movimentos, e até onde as pessoas iam para lá para declamar poesias. Era um local alternativo da cultura []”.

Como se pode observar nos enunciados discursivos dos dois entrevistados e, de acordo com Halbwachs (1990C) quando um grupo está inserido numa parte do espaço ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Verifica-se que as relações que foram estabelecidas entre o prédio antigo da Câmara e os dois sujeitos sociais não foram apagadas de sua memória.

Fica demonstrada, que a manifestação pública, quer seja decorrente do conflito social, quer de

natureza cultural, não acontece em quaisquer locais do território, em quaisquer praças. E de acordo com Schechner (1993), elas buscam lugares, aqueles mais adequados do ponto de vista de significações que encerram e da produção de novos significados que ensejam.

Buscou-se identificar nas falas dos entrevistados as motivações que poderiam ser argüidas para que se efetivasse a mudança da sede. Assim, no discurso do entrevistado 1 as justificativas se apresentaram pela necessidade de propiciar a melhor atratividade econômica de outra área do município e também a de ampliar o espaço físico de suas instalações, como forma de melhorar a prestação de serviços pelo legislativo ao cidadão. O Entrevistado 1 diz:

“Basicamente por dois motivos: primeiro, para se criar um novo eixo comercial aqui na região, [] E segundo, porque aquela Câmara não comportava mais o crescimento do número de vereadores e do próprio trabalho legislativo [] A nossa Câmara ela tem a atuação muito maior, muito maior do que qualquer Câmara do mesmo porte [] nosso volume de serviços é, no mínimo, três vezes maior do que nestas Câmaras da nossa interlândia”.

No transcrito acima, pode-se perceber que o silenciado no seu discurso confere uma concepção de que o papel do legislativo é a prestação de serviços para uma clientela. Ou ainda que, tanto maior for o volume de serviços prestados à comunidade, melhor é a atuação da Câmara. Isto é um dos indicativos de uma visão burocrática e administrativa sobre a política e a finalidade legislativa. Noutro trecho, como transcrito abaixo, o entrevistado reforça a idéia de que o equipamento público é uma dádiva de um poder ao cidadão e reconhece de alguma forma, que a mudança pode ter sido um prejuízo para a comunidade. Mais à frente, estabelece que a nova sede da Câmara está aberta à qualquer manifestação, desde que seja “pacífica e ordeira”. Aqui, vê-se manifestado o sentido de ordem e de controle social dos movimentos populares:

“Então, com isso, abriu-se um espaço de uso da população que lá infelizmente não tinha, por motivos de espaço. A mudança do prédio traz sempre prejuízo no primeiro instante, mas creio que essa mudança não [] Eh, a Câmara abre o seu espaço para que a comunidade faça qualquer tipo de manifestação, desde que seja “pacífica e ordeira”.

A idéia do Entrevistado 1 encontra explicação nos estudos de Villaça (2001) nos quais argumenta que a atuação do Estado acontece a partir da dominação política da elite.

Assim, o Estado usando de um discurso de melhorar a imagem da cidade, traz no interdiscurso uma ideologia de domínio de investimentos, priorizando uma parte da sociedade em detrimento da outra parte da cidade, de forma que a população acredite que as melhorias feitas beneficiem a todos.

Segundo Foucault (1969), uma das particularidades da análise dos discursos é compreender que o mais importante não é estabelecer o grau de verdade que os discursos revelariam, mas como se produzem, na sociedade, os efeitos de sentido que podem estar constituídos nos vários discursos.

Em síntese, o Entrevistado 1, passa a idéia que ao legislativo cabe governar o povo (controle social) e para o povo. De outra forma, evidenciou-se na fala do entrevistado 2 que o legislativo tem como função precípua governar com o povo. Têm-se, portanto, nas falas dos entrevistados três concepções conflitantes sobre o papel do legislativo: governar o povo; governar para o povo e governar com o povo.

Conclusão

Buscou-se neste trabalho desvelar as condições de produção do discurso e verificar como a materialidade lingüística foi utilizada e quais os efeitos de sentido produzidos. Verificou-se que a interdiscursividade viabiliza outras perspectivas de leitura, sem, com isso, esgotar as possibilidades de sentido do discurso.

Em que pese os conflitos existentes identificados em suas entrevistas, evidencia-se a partir da análise do discurso dos dois entrevistados, que tanto a sede antiga da Câmara Municipal, como também as suas imediações continuam a ser a grande referência política de manifestações públicas por reivindicações e de lutas diversas da sociedade civil organizada. O que de per si denota a importância da Memória Coletiva, enquanto espaço construído, inserida na construção da Cidadania.

A partir desses elementos, acredita-se que a concepção e a prática de planejamento urbano devem ser repensadas pelos gestores públicos, fazendo com que o planejamento fique mais próximo das percepções da população excluída e do interesse público. Essa visão pode se constituir na porta de passagem para estudos multidisciplinares que visem refletir e solucionar compartilhadamente as questões de intervenção urbana, já que o discurso deixa transparecer as relações sociais de poder e a solidariedade existente no interior da sociedade.

Para finalizar, urge a necessidade de se pensar a cidade como parte fundamental de um processo em que se fazem presentes eventos constitutivos, não apenas materialmente diferentes, constituindo novas formas sociais e representantes de um real deslocamento ideológico nos modos de significar e viver a mesma cidade.

Agradecimentos

Às professoras: Dra. Maria Aparecida Chaves Papali e Dra. Maria Tereza Dejuste de Paula, pelos ensinamentos e orientações.

À meus familiares pela compreensão e apoio.

Referências

- CERTEAU, M.. **A invenção do cotidiano** — Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FERNANDES, C. A.. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M.. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, M. R.. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEFÉBVRE, H.. **A produção do espaço**. Paris: Armand Colin, 1974.
- ORLANDI, E. P.. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- PENNA, N.A. **Urbanização, Cidade e Meio Ambiente**. GEOUSP, n12, 2002. Disponível em http://www.geografia.ffch.usp.br/publicacoes/Geo_esp/geousp12.htm - Acesso em dezembro/2006.
- PÊCHEUX, M.. **Discursos: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.
- SANTOS, M.. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- SCHECHNER, R.. **The future of ritual**. New York, Routledge, 1993.
- VILLAÇA, F.. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Nobel/ FAPESP, 1998, 373 p.